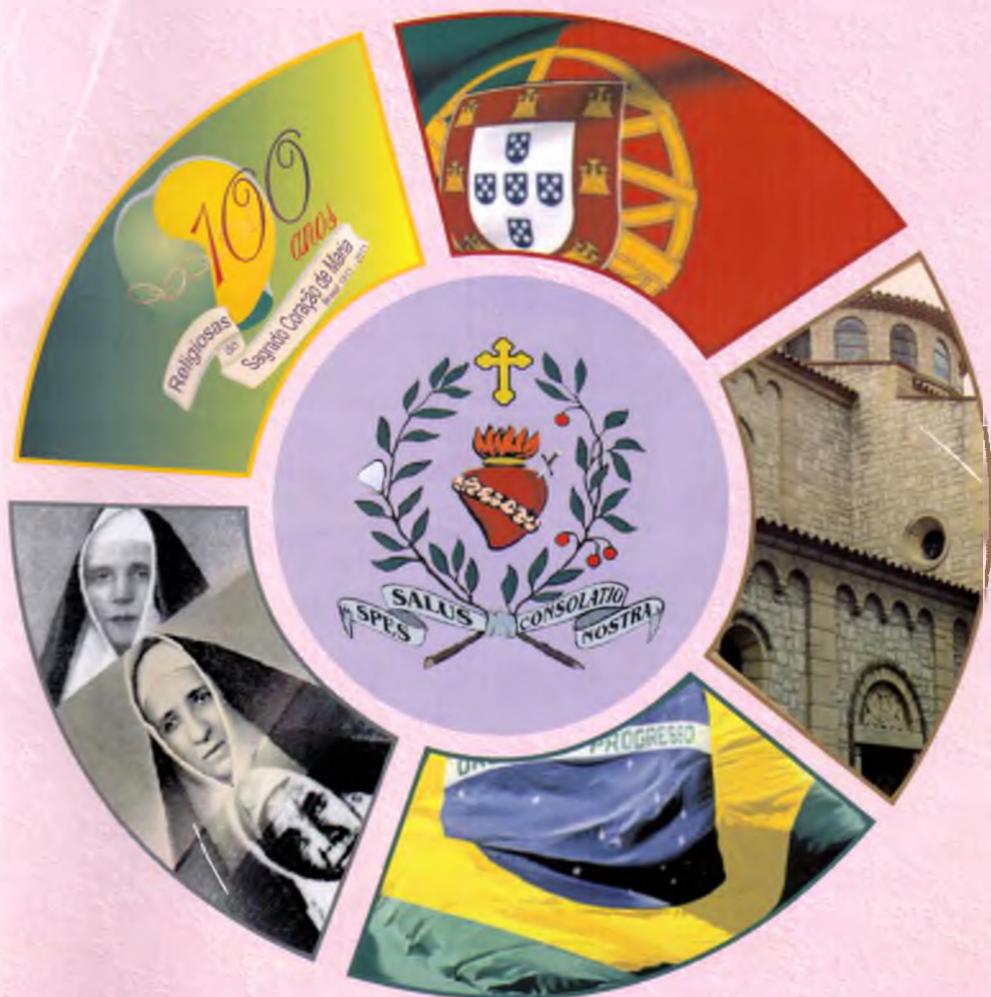


# SITUAÇÃO DO INSTITUTO NO MOMENTO DA FUNDAÇÃO NO BRASIL EM 1911



**THE STATE OF THE INSTITUTE AT THE TIME  
OF THE BRAZILIAN FOUNDATION IN 1911**

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA  
PROVINCIA BRASILEIRA

***PORTUGUÊS***

Palestra dada por Kathleen Connell, rsem  
ao Conselho Provincial Ampliado.

***ENGLISH***

A talk given to the Extended Provincial Council by  
Kathleen Connell, rshm.

## **ÍNDICE / PORTUGUÊS**

Apresentação.....	07
O Instituto na França.....	09
O Instituto na Irlanda e na Inglaterra.....	11
O Instituto nos Estados Unidos.....	13
O Instituto em Portugal.....	14

## **INDEX / ENGLISH**

Introduction.....	21
The Institute in France.....	23
The Institute in Ireland and England .....	25
The Institute in the United States.....	26
The Institute in Portugal .....	28

# *PORTUGUÊS*

*SITUAÇÃO DO INSTITUTO NO MOMENTO DA FUNDAÇÃO  
NO BRASIL EM 1911*

# Apresentação

Belo Horizonte, 13 de novembro de 2010

Queridas irmãs, sinto-me agradecida pelo convite que me fizeram para falar-lhes, neste momento em que estão reunidas em vista do bem da sua Província, como Conselho Provincial Ampliado (CPA). Como algumas de vocês devem saber, eu estou no Brasil para partilhar com as noviças a nossa História.

Durante a semana passada, nós estudamos os volumes 1 e 2 da *Caminhada na Fé e no Tempo* e, na próxima semana, nós estudaremos o volume 3 e teremos algumas noções sobre o volume 4, que não está completo ainda. Eu estou gostando muito deste meu tempo no noviciado. As noviças e a equipe de formação são maravilhosas.

Mas, hoje, estou aqui com vocês e tudo que eu conheço da nossa história é de vocês e para vocês. Não estou certa sobre o que vocês querem saber ou o que seria mais importante conhecer neste momento de preparação para o Centenário da nossa vinda para o Brasil. Eis aqui o que eu preparei para este tempo em que estaremos juntas. **Tendo 1911 - o ano da chegada ao Brasil – como meu foco**, procurarei apresentar-lhes o que aconteceu nas diferentes partes do Instituto, naquele ano. Talvez eu fale de algumas coisas anteriores a 1911 ou depois de 1911, para lhes dar uma ideia de todo o Instituto por volta do ano que irão celebrar.

Mas, eu não vou entrar no navio (o Cap Vert) com Maria de Aquino e suas duas companheiras, nem vou viajar até Sete Lagoas, a cavalo, com estas corajosas pioneiras, no Brasil. Eu deixo essa história a cargo das Irmãs Alice Duarte e Ilza de Lourdes, ou com outras irmãs que conhecem sua abençoada história melhor que eu.

Começando, eu gostaria de agradecer à Rosinha que, generosamente, se ofereceu para traduzir a minha fala. Ela conhece meus pensamentos mesmo antes que eu os expresse e isto me possibilita a partilha que farei com vocês.

Muito obrigada, Rosinha.

## *Instituto na FRANÇA:*

*Vou começar com o Instituto na FRANÇA.*

O ano de 1899 foi de celebrações para nós. Por quatro vezes a Congregação já havia submetido as Constituições à aprovação de Roma (em 1873, 1879, 1892 e 1898) e, por três vezes, a aprovação fora negada, sendo enviadas listas de correções (animadversions). Finalmente, no dia 24 de fevereiro de 1899, o 50º aniversário do Instituto, as Constituições foram aprovadas pela Santa Sé. Isto significava que o Instituto tinha sido reconhecido pela Igreja universalmente. Em decorrência disso, as Irmãs seriam acolhidas mais facilmente em qualquer lugar para onde fossem enviadas, e elas não ficariam na dependência dos Bispos locais. O Instituto inteiro se alegrou.

Mais tarde, nesse ano, em setembro de 1899, a Congregação festejou o seu cinquentenário, agradecendo a Deus por todas as coisas boas realizadas até aí. Em Béziers, o Bispo de Montpellier celebrou uma Missa solene com belos cantos, seguida de um banquete festivo. No dia seguinte, a celebração continuou em Bayssan, com convidados, incluindo os donos de vinhas vizinhas, para rezar e festejar com as RSCM.

No dia 04 de maio de 1901, houve outra celebração em Béziers – Bodas de Ouro da M. St. Félix Maynard, Superiora Geral e última sobrevivente do grupo que fizera a Primeira profissão em 1851. A comunidade, as estudantes e órfãs antigas e atuais, ricos e pobres celebraram os anos de serviço da M. St. Félix com uma missa solene, celebrada pelo seu irmão, seguida de uma refeição festiva, com fogos de artifício, iluminando o pátio da Casa Mãe.

Logo depois, começaram as perseguições pelos líderes políticos da Terceira República Francesa, invejosos do poder e das propriedades da Igreja Católica Romana. Começaram os anos de repressão, atacando especialmente as ordens religiosas educadoras que eram acusadas de inculcar um espírito contra-revolucionário que ameaçava a unidade do País. Conforme uma Lei de 1901 sobre Associações, tanto as Congregações não aprovadas, bem como trabalhos que não eram autorizados de Congregações aprovadas estavam ameaçados de fechamento.

A situação piorou com o Ministro Emile Combes: 54 ordens masculinas foram suprimidas, em março de 1903, o que significou uma estimativa de 3.000 pregadores e 16.000 professores e até monges, do Grande Mosteiro Chartreuse, que foram obrigados a se secularizar ou se dispersar. Em junho de 1903, 81 congregações de mulheres educadoras foram suprimidas, de uma só vez, e ordenadas a se dispersar. Em 07 de julho de 1904, todos os membros das ordens religiosas foram proibidos de lecionar, apesar da sua condição legal para tal. Todas as ordens religiosas educadoras foram dissolvidas e seus bens confiscados pelo Estado. As mulheres, recentemente dispensadas de seus votos, foram deixadas a assumir sua situação sozinhas. Finalmente, em janeiro de 1905, uma total separação entre igreja e estado se deu em França.

No começo, M. St. Félix pensou que a congregação estava segura porque havia sido aprovada oficialmente por Napoleão III, ainda em 1856. Também a Congregação não era classificada como uma *Congregação Educadora*, mas como uma *Congregação com múltiplas atividades*, engajada em diferentes trabalhos de utilidade social. Por estas razões, M. St. Félix esperava que, como uma Congregação oficialmente autorizada, o Instituto e todos seus trabalhos na França seriam salvos. Contudo, ao mesmo tempo, ela pediu à Santa Sé permissão para abrir, temporariamente, o noviciado na Irlanda ou Inglaterra e em Portugal. Em 1904, ela pediu a permissão para transferir a Casa Mãe para a Inglaterra e, por precaução, começaram a despachar as malas cheias de documentos importantes, para a comunidade de Seafield.

M. St. Félix havia sido demasiadamente otimista. A nova fundação em Bourg de Péage - uma linda e recentemente construída Escola - tornou-se uma das 13.904 Escolas Católicas fechadas em França, em 1903. A escola teve que ser desocupada em 31 de julho de 1903 e foi imediatamente confiscada pelo Estado. Alguns anos depois, em 1º de setembro de 1906, o internato da Casa Mãe recebeu ordem de ser fechado.

Felizmente, no entanto, a Casa Mãe foi poupada porque *localmente* ela sempre fora identificada como um lugar de trabalho de utilidade pública, isto é, caridoso serviço aos pobres. Poderíamos dizer que o cuidado carinhoso prestado, por muitos anos, às mulheres do Refúgio e às adolescentes que, posteriormente, as substituíram, às órfãs e aos doentes pobres que vinham ao dispensário, havia

deixado uma boa e indelével impressão no povo de Béziers. Assim, em 1906, as autoridades municipais usaram do seu poder para proteger a Casa Mãe de uma dissolução. O Orfanato, que começara na pequena cidade francesa de Vallon, foi poupado também, considerado uma instituição de caridade e seria muito difícil substituir o pessoal que dirigia o Orfanato.

Mesmo o fechamento do Internato, na Casa Mãe, foi realizado com uma flexibilidade razoável. No ano seguinte, as estudantes do Internato foram transferidas, em massa, para o Bom Pastor (naquele momento, desocupado) com uma Diretora cristã e uma equipe de leigos como professores. A escola, agora reaberta, com o nome de Santa Ana, funcionou de 1907 – 1919. Cautelosamente, a escola retornou ao seu lugar original na Casa Mãe, em 1919, e voltou ao seu antigo nome – naquele tempo Curso St Jean. Foi dirigida por excelentes senhoras leigas até que as RSCM puderam dirigir novamente a escola, em 1959.

### ***O Instituto na IRLANDA e na INGLATERRA:***

Lisburn celebrou 25 anos de fundação em 1895, em meio a grande festividade.

Segundo o jornal local: “A Escola atingiu a mais alta posição entre os estabelecimentos do Norte da Irlanda”. A diretora foi reconhecida por seus notáveis empreendimentos, até que se descobriu que ela havia feito um enorme empréstimo (4.000 libras com um senhor e 3.200 libras com vários outros) sem permissão nem conhecimento da Superiora Geral.

Quando a Superiora de Lisburn foi questionada pela M. St. Félix, ela se recusou a dizer claramente o que havia feito com o dinheiro. Então, ela foi convidada a deixar o Instituto. M. St. Félix decidiu que o Instituto, isto é, as diferentes fundações pagariam a dívida. A Casa Mãe e as comunidades portuguesas assumiram o pagamento das 4.000 libras e as comunidades da Inglaterra e da Irlanda pagariam o restante, isto é, 3.200 libras.

Apesar deste peso financeiro, Ferrybank e Lisburn (com uma nova superiora) conseguiram se reerguer e começaram a prosperar. A recente

instalação do Noviciado, em Ferrybank, em 1903, trouxe vida nova ao Instituto. Na Inglaterra, também, novas fundações foram feitas no final da década de 1890 em Barrow (1897) e Blackbrook (1899).

Interesso-me de um modo particular pelo ministério das nossas irmãs na nova fundação em Blackbrook – trabalho com “crianças abandonadas e de rua em Liverpool”. Pedindo às RSCM para assumirem este ministério, o Bispo de Liverpool escreveu: “Se a sua Superiora Geral soubesse do que elas (as crianças) foram resgatadas, ela não hesitaria nem um instante... Nós podemos salvar almas e exigir que o governo pague por isto”. A Superiora para a qual o Bispo escreveu acrescentou na carta: “Nosso Pai se rejubilaria com a perspectiva da salvação destas almas tão queridas por Deus e, quem sabe, talvez ele tenha pedido a Deus esta missão para o Instituto que ele fundou”.

Até 1904, 120 meninas tinham sido acomodadas onde as RSCM trabalharam até princípios de 1930, preparando as jovens para novos trabalhos, introduzindo-as no mundo da música, da arte e da cultura, criando oportunidades para que elas pudessem entrar em comunicação com seus irmãos/as em instituições semelhantes e reintegrando algumas das jovens, no Canadá.

Outro acontecimento importante e positivo na Inglaterra ocorreu quando a comissão das docas, em 1904, decidiu fazer a requisição da propriedade de Seafort. O governo ofereceu 70.000 libras pela propriedade, uma soma generosa, pois as RSCM tinham pago anteriormente, pelo mesmo terreno, 30.000 libras. O Convento escola Sagrado Coração de Maria, denominado Seafield, foi planejado e construído com esta importância.

*Nos ESTADOS UNIDOS também houve grandes progressos nessa época - 1911 – graças a uma mudança de planos:*

Em julho de 1900, sem nenhuma comunicação prévia, M. St Félix escreveu uma carta para a comunidade de Sag Harbor dizendo-lhes para fazer as malas e deixar os Estados Unidos, até o mês de setembro, ou, no máximo, outubro de 1900, isto é, em 3 meses. Nesta carta M. St. Félix explicou. “Eu vejo (a comunidade de Sag Harbor) sozinha, isolada, vegetando por mais de 20 anos na América, privada das visitas das Superiores e, em consequência, exposta a milhares de problemas e perigos de toda espécie, com a possibilidade de se tornarem muito sérios”.

O Bispo da Diocese de Brooklyn, que recebera uma carta semelhante, interveio, insistindo que “seria necessário um tempo maior para rezar e refletir sobre esta decisão”. Durante a década seguinte as RSCM, com a ajuda do Bispo, começaram a participar das equipes de três escolas paroquiais e de duas academias. Não é necessário dizer que M. St. Félix mudou o seu modo de pensar sobre o encerramento da fundação na América!

Talvez o sinal mais promissor de vida para as RSCM nos Estados Unidos, durante este período, tenha sido a fundação de Marymount em Tarrytown, pela M. Marie Joseph Butler, em 1907. Madre Butler, que havia saído de Portugal há 4 anos, depois dos 23 anos vividos em Braga, recebeu, de seu sobrinho James, um terreno em Tarrytown em memória de sua falecida esposa. Agora viúvo, com 5 filhos adolescentes, James se queixava de que a maioria das Religiosas, na América, continuava a servir “exclusivamente os imigrantes pobres”, enquanto os filhos dos imigrantes ricos eram obrigados a frequentar escolas e colégios seculares, não alimentando a sua fé.

O Bispo John Cantwell de Los Angeles, que pediu a M. Marie Joseph Butler para estabelecer a Escola Marymount para “as pobres crianças ricas”, na Califórnia, promoveu e confirmou mais ainda a descoberta de Madre Butler sobre a necessidade educacional nos Estados Unidos – escolas para meninas e moças da classe alta na América e escolas internacionais para intercâmbio entre

as jovens católicas de muitas nacionalidades em Paris (1923) e Roma (1930) e, mais tarde, em vários lugares do mundo, tornando-se uma Rede de Escolas internacional.

Assim, quando olhamos para todo o Instituto, durante a primeira década do século XX, e até 1911 - nós vemos nas comunidades na Irlanda e Inglaterra e nos Estados Unidos – crescimento, criatividade em ministérios, a emergência de líderes (M. Vincent Foley, M. Joseph Butler, M. Marcella McGrath e muitas outras) e um grande florescimento de vocações.

Mesmo na França, onde as forças do secularismo sem dúvida destruíram a vida religiosa, feriram a igreja católica, confiscaram escolas católicas e expulsaram os religiosos e religiosas que lecionavam nelas, havia alguma esperança para as RSCM. Naquela época o bispo de Montpellier escreveu a M. St. Félix:

*“Não tenho dúvidas de que no futuro esta onda passional de anticlericalismo não se sustentará mais e vocês reabrirão seus internatos de forma que, mais uma vez, a sagrada ciência do Evangelho poderá ser ensinada, juntamente com as ciências humanas”.*

A nova escola em Bourg de Péage tinha sido perdida, mas a congregação não se dissolveu, e os orfanatos em Béziers e Vallon continuaram, e “O Pensionato” – o internato fundado em 1851 foi, mais tarde, reaberto.

## ***O Instituto em PORTUGAL***

*Mas PORTUGAL foi uma outra história!*

Parece-me que a década que nos conduz a 1911, em Portugal, foi o momento em que o Mistério Pascal foi experienciado mais profundamente, com a M. St Félix sustentando a trave vertical da cruz e a M. Maria da Eucharistia Lencastre a trave horizontal.

Procurarei sintetizar esta situação muito complexa.

As fundações do Porto e de Braga conquistaram poucas vocações, no começo.

Em consequência, a liderança nas comunidades portuguesas continuou, predominantemente, irlandesa – M. St Marie Hennessey, no Porto, seguida da

sua irmã M. St Thomas, M. Liguori Mac Mullen, superiora de Braga, substituída por algum tempo por outra irlandesa M. Marie Joseph Butler, retornando depois a Braga. M. Annunciation Lynch foi superiora da nova fundação de Chaves, 1886 – 1892, M. Calliste Hughes era formadora das postulantes portuguesas antes de ter sido nomeada mestra de noviças, em Béziers, em 1896. Estas duas últimas também eram irlandesas. Um padre, escrevendo num jornal irlandês, nos fins de 1890, definiu o colégio Sagrado Coração de Maria de Braga como “Ferrybank português”.

Das escolas portuguesas começaram a surgir vocações de jovens bem educadas e cultas. Estas eram imediatamente enviadas de volta para Portugal, depois de um abreviado noviciado em Béziers. Assim, entre 1896 – 1907, as religiosas irlandesas que haviam servido fielmente como líderes, em Portugal, foram enviadas para outros lugares, fora de Portugal. Todas as posições de lideranças passaram para as mãos das religiosas portuguesas: M. Maria da Eucharistia Lencastre, M. St. Joseph Pancada, M. Maria de Jesus Perry, M. Maria de Aquino Ribeiro e outras que se tornaram suas assistentes.

É possível que todas as jovens superiores portuguesas tenham se tornado menos conectadas com a superiora geral, embora M. St Félix tenha visitado Portugal em junho – julho de 1891, em fevereiro de 1896, em 27 de outubro a 27 de novembro de 1896, em março de 1899. Apesar destas visitas, ela parecia, para as portuguesas, tremendamente distante e fora do alcance por causa da realidade política, cultural e eclesial de Portugal.

Esta mudança rápida na nacionalidade da liderança coincidiu com a situação que as irmãs portuguesas experimentaram com uma carga injusta colocada sobre as suas comunidades – o pagamento das 4.000 libras da dívida de Lisburn. Embora a M. St Félix tenha podido contar com a absoluta lealdade e cooperação da M. St Thomas e M. St Liguori para assumir a partilha da dívida, parece que a Superiora Geral não quis revelar o caso da Superiora de Lisburn às novas superiores portuguesas, e explicar a razão porque suas comunidades recebiam agora o pesado encargo deste misterioso pagamento que deveria ser feito à Casa Mãe. M. St. Félix, com pouca diplomacia, insistia sobre o pagamento, já que, como Superiora Geral, teria pago a propriedade da Comunidade do Porto e seus melhoramentos. Sentia-se autorizada a ordenar à comunidade do Porto para hipotecar a casa recentemente comprada, para pagar a dívida que não fora explicada.

A mágoa e a resistência das Irmãs portuguesas eram visíveis quando a M. St. Félix visitou Portugal em 1896 e ela culpou a nova superiora do Porto, M. Maria da Eucharistia, de aparentar estar unida à Casa Mãe e ser leal à sua Superiora, enquanto fazia intrigas com as outras Irmãs, criando divisão com a Casa Mãe, querendo transformar as casas portuguesas em uma Província sendo ela mesma provincial para toda a vida.

De acordo com M. St. Félix, a Superiora do Porto somente usou do pedido da Superiora Geral às casas para darem ajuda à Casa Mãe como pretexto para justificar a separação.

M. St. Félix não compreendeu que o pagamento da dívida foi a importante razão do desafeto das portuguesas. Ela estava certa de que o peso da dívida foi simplesmente usado como uma desculpa para a separação desejada pela M. Maria da Eucharistia.

Outra questão surgiu quando a M. St. Félix iniciou um requerimento a Roma para abrir um noviciado em Portugal por causa da situação violenta e anticlerical da França tornando difícil a vinda de jovens de Portugal para fazerem, em paz, na França o seu noviciado. Quando a permissão foi concedida por Roma, para abrir o noviciado em Portugal, em 1903, os Bispos portugueses e mesmo o Cardeal Vannutelli, o Cardeal protetor, encorajaram a M. St. Félix, para ir mais além e pedir também que Portugal se tornasse uma Província, com uma Provincial portuguesa, e superioras portuguesas.

M. St. Félix, percebendo este movimento nesta direção, já começando em Portugal, decidiu escrever um capítulo sobre Províncias para incluir nas novas Constituições recém aprovadas, em 1899. Sua motivação não era exatamente clara, mas parece que M. St Félix queria que sua própria versão sobre relação das províncias com o nível geral constasse nas nossas constituições para servir de guia para qualquer província que se criasse mais tarde. M. St Félix e M. St. Constance Farret estavam ansiosas por receber a aprovação de Roma do capítulo sobre províncias antes que as portuguesas fizessem um movimento formal nesta direção. Em junho de 1904, elas viajaram para Roma e ficaram decepcionadas ao descobrir que toda a petição para a alteração das constituições exigia a recomendação do Bispo de Montpellier.

Elas tiveram que regressar à França e deixar a cópia do capítulo com o Bispo Cabrières que prometeu assiná-la imediatamente e levá-la a Roma pessoalmente, na sua próxima visita. Mas o Bispo perdeu a folha e precisava de outra cópia. Levou-a para Roma e não a entregou.

Em agosto de 1904, seis superiores portuguesas escreveram à Sagrada Congregação com um forte pedido de se tornar uma Província e, após uma curta investigação, a Sagrada Congregação concordou plenamente com as portuguesas, dando-lhes o “Status” de Província, em outubro de 1904, sem mesmo consultar o Conselho Geral em Béziers, nomeando a M. Maria da Eucharistia de Lencastre como provincial portuguesa e recomendando às irmãs prepararem o 1º Capítulo Provincial para dezembro de 1904, um capítulo para o qual a M. St. Félix não foi convidada.

M. St. Félix e M. St. Constance que fora eleita para substituir a Superiora Geral, em 1905, ficaram profundamente aborrecidas com a atitude de Roma e com a existência desta “província” já que não havia precedentes a esta situação e já que não existia nada nas constituições que regulamentasse o relacionamento da Província com o Governo Geral. Além do mais, M. Maria da Eucharistia tinha sido nomeada provincial da Província Portuguesa pela Santa Sé, sem nenhuma clareza sobre o limite de seu mandato. M. St. Félix e M. St. Constance tentaram duramente, mas não conseguiram que a Sagrada Congregação aceitasse o capítulo sobre províncias que o Conselho Geral queria que fosse incluído nas constituições. Durante estes anos, 1904 – 1910, a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares parecia estar sempre do lado das portuguesas e não do lado da Superiora Geral das RSCM.

M. St. Félix e M. St. Constance sempre suspeitaram que as portuguesas se houvessem subtraído à autoridade do governo geral e que o resto do Instituto também começaria a desmembrar-se. Ironicamente, desencadeou a revolução política em Portugal, em 1910, e conseqüentemente a desintegração da “província” em Portugal. O acontecimento desfez o impasse. M. Maria da Eucharistia viajou para Béziers para relatar os acontecimentos que atingiram os religiosos em Portugal e assegurar à M. St. Félix e M. St. Constance sua lealdade ao Instituto. Em fevereiro de 1911, M. Maria da Eucharistia retorna a Béziers e, formalmente, renunciou a qualquer autoridade que ela possuía como provincial

de Portugal. Em troca, o Conselho Geral formalmente a nomeia *Representante da Superiora Geral em Portugal, Espanha (Tuy) e Brasil*.

M. Maria da Eucharistia não viajara para Béziers sozinha em fevereiro de 1911. A gentil superiora de Braga, M. Maria de Aquino, fora com ela à Casa Mãe com um simples pedido: “Eu ouvi Deus chamando-me para o Brasil. Lá as religiosas poderão novamente engajar-se no ministério educativo e na vida comunitária. Posso ir?”

M. Maria de Aquino não foi para a Inglaterra ou Irlanda com as irmãs que partiram num barco arranjado pelo consulado inglês, levando-as para um lugar seguro. Não aceitou a oferta generosa que lhe fez a M. Maria Joseph Butler que lhe ofereceu ir residir em Marymont, em Tarrytown. Não planejou ir se juntar à M. Maria da Eucharistia, e a muitas outras irmãs mais idosas, em Tuy, na Espanha. M. Maria de Aquino não pensou em voltar para sua família, em Chaves, durante a Revolução.

*Ela ouvira o chamado de Deus para ir para o Brasil e isto lhe era suficiente.* Talvez ela se lembrasse da certeza que Gailhac dera às primeiras irmãs do Porto: “Vocês certamente passarão por julgamento e sofrimento porque o bem não pode ser realizado de outra maneira, mas se vocês amam a Deus, Ele vai ampará-las em todas as dificuldades e dar-lhes-á Seu coração (GS/17/X/71/B).

“Eu me ofereço a todo sacrifício para que minhas filhas sejam salvas”, fora sua resposta em Lourdes.

Vocês, minhas irmãs, são filhas da fidelidade de M. Maria de Aquino, da sua entrega ao Deus que a chamou para o Brasil. Que a celebração dos nossos 100 anos no Brasil seja um tempo de graça e alegria.

# *ENGLISH*

*THE STATE OF THE INSTITUTE AT THE TIME OF THE BRAZILIAN  
FOUNDATION IN 1911*

# Introduction

BELO HORIZONTE, 13 NOVEMBER 2010

Queridas Irmãs, I am grateful for the invitation to address you as you meet in committees for the good of your province. As some of you know, I have come to Brazil to share our history with the novices. During this past week, we have been discussing volumes 1 and 2 of *A History in Faith and Time* and next week we will discuss volume 3 and get a sense of volume 4 which has not yet been completed. I am enjoying my time in the novitiate very much. The novices and the team are wonderful.

But today, I am here with *you* and all that I know about our history is yours, is for you. I am not exactly sure what you want to know or what is most appropriate as you anticipate your 100<sup>th</sup> anniversary as a foundation. But here is what I will try to do in the time we have. **With 1911 – the year of your foundation - as my focus**, I will try to present a sense of what was happening in the different parts of the Institute at that time. Maybe I will go a little before 1911, maybe a little after 1911 – to give you a sense of the Institute around that year that you will be celebrating.

*But*, I will not even step onto the boat (the *Cap Vert*) with M. de Aquino and her two companions, or travel to Sete Lagoas on mules with these brave foundresses in Brazil. I leave that story to Irmãs Alice Duarte and Ilza de Lourdes and to those of you who know your blessed history better than I.

As I begin, I want to thank Rosinha who is so generous in offering to translate my words. She knows my thoughts before I express them and she makes it possible for me to be able to share with you.

Thank you very much, Rosinha.

## **The Institute in FRANCE:**

*Let me begin with the Institute in FRANCE.*

The year 1899 was a year of celebration for us. Four times the congregation had submitted the Constitutions for Rome's approval (in 1873, 1879, 1892 and 1898) and three times that approval was denied and lists of corrections (*animadversions*) were mandated. Finally, on 24 February 1899, the fiftieth anniversary of the Institute, the Constitutions were approved by the Holy See. This meant that the Institute was fully recognized by the universal Church. With the Rule approved by the Holy See, the sisters would be received more easily anywhere in the world they were sent, and they would not be as dependent on local bishops. The whole Institute rejoiced.

Later that year, in September 1899, the congregation celebrated its fiftieth anniversary and thanked God for all the good accomplished during those years. In Béziers, a solemn Mass was celebrated by the bishop of Montpellier, choirs sang and a festive banquet followed. The celebration continued the next day in Bayssan with guests, including some owners of neighboring vineyards, invited to pray and to feast.

On 4 May 1901, there was another celebration in Béziers – the golden jubilee of M. St. Félix Maynard, general superior and the last surviving member of the first profession group of 1851. The community, students and orphans past and present, rich and poor, celebrated her years of service with a solemn Mass said by her brother, and a jubilee meal and fireworks to light up the courtyard of the Motherhouse.

Soon after, persecutions began as political leaders of the Third French Republic, envious of the power and property of the Roman Catholic Church, inaugurated years of suppression, attacking especially religious teaching orders which were accused of inculcating a counter-revolutionary spirit that threatened the unity of the State. By the Law of Associations Act of 1901, congregations not authorized by the State, as well as unauthorized works of authorized congregations were threatened with closure.

The situation got worse under minister Emile Combes: fifty four men's orders were suppressed in March 1903 which meant that an estimated 3000 preachers and 16,000 teachers, and even the monks of the Grand Chartreuse Monastery, were forced to secularize or be dispersed. In June 1903, eighty one women's teaching congregations were suppressed as a bloc and ordered to disband. By 7 July 1904, *all* members of religious orders were forbidden to teach regardless of their legal standing. All *teaching congregations* were dissolved and their assets seized by the State. Women, recently dispensed from their vows, were left to fend for themselves. Finally, by January 1905, a total separation of Church and State had been achieved in France.

At first, M. St. Félix thought that the congregation of the RSHM was safe because it had been officially authorized by Napoleon III as early as 1856 . Moreover, it was not classified as a *teaching congregation* but as a *mixed congregation* engaged in different works of social usefulness. For these reasons, M. St. Félix hoped that as an officially authorized congregation, the Institute and all its works in France were safe. Yet, at the same time, she petitioned the Holy See for permission to open temporary novitiates in Ireland or England and in Portugal. In 1904, she asked permission to transfer the Motherhouse to England and, as a precaution, began to send trunks filled with important documents to the community in Seafield House.

M. St. Félix had been overly optimistic! The new foundation in Bourg de Péage— the beautiful, newly constructed school —became one of the 13,904 Catholic schools closed in France in 1903. The school had to be vacated by 31 July 1903 and was immediately confiscated by the State. Several years later, on 1 September 1906, the boarding School at the Motherhouse was ordered closed.

On the bright side, however, the Motherhouse itself was spared because *locally* it had always been identified as a work of public utility, that is, a charitable work for the poor. It could be said that the loving care given over the years to the women of the Refuge and the teenagers who eventually replaced them, and to the orphans, and to the sick poor who came to the dispensary, had left an indelible impression on the people of Béziers and now, in 1906, municipal authorities used their authority to protect the Motherhouse from dissolution. Moreover, the orphanage, begun in the small French town of Vallon, was also spared because it, too, was seen as an institution

of charity and it would be too difficult to replace the staff.

Even the closing of the Boarding School at the Motherhouse was met with remarkable resilience. The following year, the students of the boarding school were moved *en masse* to the Bon Pasteur (then not occupied), a Christian headmistress and lay staff were entrusted with the teaching, and the school, now reopened with the name Saint Anne's, functioned from 1907-1919. Cautiously, the school moved back to its original site in the Motherhouse in 1919 and was renamed again, this time as the Cours St. Jean. It was directed by excellent lay women until the RSHM returned to direct the school in 1959.

### ***The Institute in IRELAND and ENGLAND:***

Lisburn celebrated its twenty fifth anniversary in 1895 amid congratulations. According to the local newspaper: "The school had attained a foremost position amongst educational establishments in the northern province in Ireland." The headmistress was lauded for her remarkable accomplishment until it was discovered that she had borrowed huge sums of money (£4000 from one man and £3200 from several others) without the permission or knowledge of the general superior.

Since this Lisburn superior, when confronted by M. St. Félix, refused to say exactly what she had done with the money, she was dismissed from the Institute. M. St. Félix decided that the Institute, that is, the different foundations, would repay the debt. The Motherhouse and the Portuguese communities were responsible for the £4000 and the communities in England and Ireland were to cover the remaining £3200.

Despite this financial burden, Ferrybank and Lisburn (under a new head) eventually recovered and began to thrive. The newly established novitiate in Ferrybank in 1903 brought new life to the Institute. In England, too, new foundations were initiated in the late 1890s in Barrow (1897) and in Blackbrook (1899).

I am particularly interested in the ministry of the Blackbrook foundation – working with "the [young] waifs and strays of Liverpool." In asking the RSHM to begin this ministry, the bishop of Liverpool wrote:

“If your Mother General knew what they have been rescued from, she would not hesitate for an instant . . . We can save souls and make the government pay for it.” The superior to whom the bishop wrote added: “Notre Père would be overjoyed at the prospect of saving these souls so dear to God and, who knows, maybe he has asked God for this for the Institute that he founded.”

By 1904, 120 girls were accommodated there where the RSHM worked until the early 1930s, training the girls for new jobs, introducing them to music and art and culture, giving them opportunities for connecting with their siblings in comparable institutions, and resettling some of the girls in Canada.

Another positive development in England occurred when the docks commission in 1904 decided to requisition the Seaforth property. The government offered to pay £70,000 for the property, a generous sum for the land the RSHM had originally paid £30,000 for. The Convent School of the Sacred Heart of Mary, named Seafield, was designed and constructed with the balance of this money.

### ***The Institute in the United States:***

*In the UNITED STATES also, great progress was being made around the year 1911 thanks to a reversal of plans:*

In July 1900, without warning, M. St. Félix had written a letter to the Sag Harbor community calling upon it to pack up and leave the United States by September or, at the latest, October 1900, that is, within three months. In this letter, M. St. Félix explained: “I see [the Community in Sag Harbor] alone, isolated, vegetating for more than twenty years in America, cut off from visits from the superiors and, as a consequence, exposed to a thousand troubles and dangers of all sorts with the potential for being very grave.”

The bishop of the diocese of Brooklyn, who had received a similar letter, intervened insisting that “more time was needed to pray and reflect about the decision.” During the next decade, the RSHM, with the bishop’s help, began to staff three parish schools and two small academies. Needless to say, M. St. Félix changed her mind about closing down the foundation in America!

Perhaps the most promising sign of RSHM life in the United States during that period was the founding of *Marymount* in Tarrytown by Marie Joseph Butler in 1907. Mother Butler, who had left Portugal only four years earlier after twenty three years in Braga, was given an estate in Tarrytown by her cousin James in memory of his deceased wife. Now a widower with five teenage children, James lamented the fact that most religious in America continued to serve the *immigrant poor exclusively* while the children of immigrants who were now well off were forced to attend secular schools and colleges that endangered their faith.

Bishop John Cantwell of Los Angeles, who asked Mother Butler to establish a Marymount School for the “*poor little rich children*” in California, further confirmed her in her discovery of this educational need in the United States – schools for well to do Catholic girls and young women in America, and international schools for an exchange among Catholic young women of many nationalities in Paris (in 1923) and Rome (in 1930) and later throughout the world in what has become an international Network of Schools.

So when we look around the Institute during the first decade of the twentieth century leading up to 1911 – we see in the RSHM communities in Ireland and England and the United States – growth, creativity in ministry, leaders emerging (M. Vincent Foley, M. Joseph Butler, M. Marcella McGrath and many others) and vocations increasing.

Even in France, where the forces of secularism undoubtedly depleted religious life, wounded the Catholic Church, seized Catholic schools and expelled the religious who had taught there, there was some hope for the RSHM. As the bishop of Montpellier had written to M. St. Félix at the time:

“I do not doubt in the future there will be an inevitable return from this streak of passion which anti-clericalism will not suffice to justify and you will reopen your boarding schools so that once more one may learn, alongside the human sciences, the sacred science of the Gospel.”

The new school in Bourg de Péage had been lost but the congregation had not been dissolved, and the orphanages in Béziers and Vallon remained, and the *pensionnat*, the boarding school founded in 1851 was eventually reopened.

## *The Institute in Portugal*

*But PORTUGAL was another matter!*

It seems to me that in the decade leading up to 1911, here, in Portugal, is where the Paschal Mystery was being experienced most deeply, with M. St. Félix bearing the vertical beam and M. de l'Eucharistie de Lencastre the cross-beam. I will try to summarize this very complex situation.

The foundations in Porto and Braga yielded few vocations in the very beginning. Consequently, the leadership in the Portuguese communities remained predominantly Irish — M. St. Marie Hennessy in Porto, followed by her sister M. St. Thomas, M. Liguori Mac Mullen superior of Braga replaced for a time by another Irish woman Mother Joseph Butler, then returned. M. Annunciation Lynch was superior of the new foundation in Chaves from 1886-1892. M. Calliste Hughes formed the Portuguese postulants prior to her being named mistress of novices in Béziers in 1896. Both these women were also Irish. A priest writing in an Irish newspaper as late as 1890 described the Colégio de Sagrado Coracao de Maria in Braga as “a Portuguese Ferrybank!”

Portuguese schools eventually began to produce vocations of well-educated, cultured young women. These were immediately missioned back to Portugal some after an abbreviated novitiate in Béziers. So between 1896-1907, the Irish religious who had served as the faithful leaders in Portugal had been missioned *out* of Portugal and all leadership positions were now in the hands of Portuguese religious: M. de l'Eucharistie de Lencastre, M. St. Joseph Pancada, M. de Jesus Perry, M. de Aquino Ribeiro and others who became their assistants.

These young Portuguese superiors may have become less connected to the general superior although M. St. Félix visited Portugal in June-July 1891, February 1896, 27 October – 27 November 1896, March 1899. Despite these visits, she seemed to the Portuguese increasingly remote and out of touch with the political, cultural and ecclesial realities in Portugal.

This rapid change in the nationality of the leadership coincided with what the Portuguese sisters experienced as an unjust burden placed on their communities – the repayment of the £4000 Lisburn debt. While M. St. Félix had been able to rely on the absolute loyalty and cooperation of M. St. Thomas and

M. St. Liguori to shoulder this share of the debt, it seems that the general superior did not choose to disclose the Lisburn superior's deception to the new Portuguese superiors or explain the reason why their communities were now being burdened with these mysterious assessments to the Motherhouse. M. St. Félix rather undiplomatically insisted that since she, as general superior, had purchased the property for the Porto community and had paid for its renovations, she was entitled to *order* the Porto community to mortgage its recently purchased school to pay off some unexplained debt.

The anger and resistance of the Portuguese sisters was palpable when M. St. Félix visited Portugal in 1896 and she blamed the new superior of Porto, M. de l'Eucharistie, for only pretending to be attached to the Motherhouse and loyal to her superiors, while intriguing with others to create a schism from the Motherhouse, forming the Portuguese houses into a province with herself as provincial superior for life.

According to M. St. Félix, the superior of Porto had only *used* the general superior's call to the houses to come to the aid of the Motherhouse *as an excuse to justify schism*. M. St. Félix did not realize that the debt payments were an important *cause* of the disaffection of the Portuguese. She believed that the debt burden was merely used as an excuse for the separation desired by M. de l'Eucharistie.

Another question arose when M. St. Félix began to petition Rome to open a novitiate in Portugal because the violent and anticlerical situation in France made it difficult for young women from Portugal to come to France to make their novitiate in peace. When permission was granted by Rome to open a novitiate in Portugal in 1903, the Portuguese bishops and even Cardinal Vannutelli, the Cardinal Protector, encouraged M. St. Félix to go further and to petition that Portugal also become a province and with a Portuguese provincial and Portuguese superiors.

M. St. Félix, sensing a move in that direction already beginning in Portugal, decided to write a chapter on Provinces to be included in the new constitutions just approved in 1899. Her motivation isn't exactly clear but it would appear that M. St. Félix wanted *her own version* of the relation of provinces to the general level to appear in our constitutions and to serve as a guide to any province

that might later emerge. M. St. Félix and M. Ste. Constance Farret were eager to get Rome's approval of this chapter on Provinces before the Portuguese made their formal move. In June 1904, therefore, they traveled to Rome but were frustrated to discover that any petition to have the constitutions altered required the bishop of Montpellier's recommendation. They had to travel back to France and leave the copy of the chapter with Bishop Cabrières who promised to sign it immediately and carry it back to Rome himself on his next visit. But he mislaid the chapter and needed another copy, and then, when he finally had the copy, he *brought* it to Rome but didn't *deliver* it.

In August 1904, six Portuguese superiors wrote to the Sacred Congregation strongly requesting to be made a province and, after a short investigation, the Sacred Congregation totally agreed with the Portuguese, gave them province status in October 1904 without even consulting with the general council in Béziers, appointed M. de l'Eucharistie de Lencastre as Portuguese Provincial, and instructed the sisters to prepare for their first Provincial Chapter in December 1904, a chapter to which M. St. Félix was not invited.

M. St. Félix and M. Ste. Constance, who was elected to succeed her as general superior in 1905, were extremely unhappy about Rome's action and the existence of this "province" since there was no precedent for it and nothing in the constitutions regulating the relationship of the province to the general government. Moreover, M. de l'Eucharistie had been appointed provincial of the Portuguese Province *by the Holy See* without any clear time limit to her term. M. St. Félix and M. Ste. Constance had tried hard but could not get the Sacred Congregation to accept the chapter on provinces that the general council wanted in the constitutions. During these years, 1904-1910, the Sacred Congregation of Bishops and Regulars seemed *always* to be on the side of the Portuguese not on the side of the RSHM general superior.

M. St. Félix and M. Ste. Constance were always suspicious that the Portuguese would withdraw from their authority, and that the rest of the Institute might then start to unravel. Ironically, it was the political Revolution in Portugal in 1910 and the consequent disintegration of the "province" in Portugal, that broke through this impasse.

M. de l'Eucharistie traveled to Béziers to report on the fate of the religious in Portugal and to assure M. St. Félix and M. Ste Constance of her loyalty to the Institute. In February 1911, M. de l'Eucharistie returned to Béziers and formally resigned any authority she had as provincial in Portugal. In exchange, the general council formally appointed her as *Representative of the General Superior in Portugal, Spain (Tuy) and Brazil*.

M. de l'Eucharistie had not traveled to Béziers alone in February 1911. The gentle superior of Braga, M. de Aquino, had gone with her to the Motherhouse with this simple request: "I have heard God calling me to Brazil. There, the religious could once again engage in teaching and live community life. May I go?"

M. de Aquino did not go to England or Ireland with the sisters evacuated on a boat arranged by the British consul to bring them to safety. She did not accept Mother Joseph Butler's generous offer to come to resettle in Marymount in Tarrytown, nor did she plan to join M. de l'Eucharistie and many of the older sisters in Tuy. M. de Aquino did not decide to return to her family home in Chaves for the duration of the Revolution.

*She had heard God calling her to Brazil and that was enough.* Perhaps she remembered Gailhac's assurance to the first sisters in Porto: "You will surely pass through trials and sufferings because good cannot be accomplished in any other way, but if you love God, He will support you through all your difficulties and give you His heart." (GS/17/X/71/B) "I offer myself for any sacrifice, that my daughters may be safe," was her response at Lourdes.

You, my sisters, are the daughters of her fidelity, of her surrender to the God who called her to Brazil. May the celebration of our 100 years in Brazil be a time of grace and joy.

## Ficha Técnica

- Edição: *Religiosas do Sagrado Coração de Maria  
Província Brasileira - Belo Horizonte, 2011*
- Conselho Provincial: Ir. Maria Ângela Machado, *rscm*  
Ir. Marina de Freitas Queiroz, *rscm*  
Ir. Ana Helena Andreão, *rscm*
- Autora: Ir. Kathleen Connell, *rscm*
- Tradutora: Ir. Maria de Lourdes Machado, *rscm*
- Editorial: Ir. Rosa de Lima Pereira , *rscm*
- Realização: Centro de Fontes
- Coordenação: Ir. Lúcia Pereira de Rezende, *rscm*
- Diagramação e Capa: Lucienne do Carmo Felix Teixeira

fontes  
de vida - IRSCM

Centro de Fontes

Rua Cura D'Ars, 74 - Prado - CEP 30411-123

Belo Horizonte - MG - Tel: (31) 3372.3470

E-mail: [cfontes@rscmb.com.br](mailto:cfontes@rscmb.com.br)

[www.rscmb.com.br](http://www.rscmb.com.br)